

Seção Especial

A Astúcia e o Jogo das Massas

Palavras-chave

Sociedade de Massa
Astúcia
Singularidade

Keywords

Mass Society
Slyness
Singularity

Biografia

* Jornalista e historiador. Publicou o livro *Caçadores de Notícias: história e crônicas policiais de Londrina 1948-1970* (Aos Quatro Ventos/2000). Doutor em História da Cultura pela Unicamp onde defendeu em 2004 a tese intitulada "Saber Noturno: uma antologia de vidas errantes".

Tony Hara*

Resumo

O que fazer diante de um inimigo reconhecidamente mais forte e poderoso? Como se desvencilhar das redes onde os homens se debatem de forma constrangedora? Talvez não haja, de fato, saídas para todos no processo em curso de transformação do homem em animal doméstico, submisso e dócil que busca no consumo a sua redenção. Somente algumas raras exceções possuem força e astúcia necessárias para combater o inimigo que não pára de expandir suas fronteiras. É preciso aprender, mais ainda, admirar os sujeitos singulares que ainda sonham com a grandeza e se posicionam contra a fúria igualitária das massas.

Abstract

What can we do before an acknowledged stronger e powerful enemy? How can we disentangle ourselves of the nets men always shamefully struggle in? Perhaps there is no exits from this transformation process of taming men in a domestic animal, submitted and docile, which seeks in market his own redemption. Only a few ones have power and slyness to fight against the enemy which don't stops extend his frontiers. It is necessary to learn, more – it is necessary to admire these singular individuals that still dreaming about greatness and asserting against the mass' fury for equality.

Há diversas tentativas de entender e caracterizar o ponto em que chegamos na atualidade: sociedade de controle, sociedade administrada, disciplinar, de consumo, pós-mídia e espetacular; mundo dos homens pequenos, Mundo Cão. O que se sabe é que vivemos um tempo brutalmente produtivo. Produz-se vários tipos de misérias, uma sólida mediocridade e, indivíduos mal-acabados, imaturos e fracos. Sujeitos desamparados que buscam nas míseras mercadorias expostas em vitrines virtuais ou reais, um mínimo de dignidade e de comunhão com o mundo e consigo mesmo. Não há como não reconhecer no vai e vem frenético dessa vida para o mercado, um arrastado suicídio que a massa tomou como vida digna de ser vivida. E o mais interessante é que esse mercado universal que criamos nos envergonha, pois, como afirma o filósofo Gilles Deleuze, “*Não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana. A vergonha é não termos nenhum meio seguro de preservar, e principalmente para alçar os devires, inclusive em nós mesmos.*”¹

Há um visgo que nos cola, de alguma maneira, a essa grande tela que é o mercado universal. As tecnologias de comunicação e as instituições se imbricam e formam um rede de compromissos vergonhosos no qual nos debatemos constrangidos, ou no pior dos casos, felizes. Tornamo-nos adeptos das coleiras eletrônicas (telefones celulares), dos sistemas fechados de monitoramento, do rastreamento via satélite; servimo-nos dos cartões eletrônicos e das senhas que dão acesso aos bancos de dados e ao mesmo tempo re-

gistram, minuciosamente, a nossa navegação cotidiana pelas redes. Como diz Peter Pál Pelbart, tornamo-nos “*prisioneiros a céu aberto.*”² A massa reconhece nesse aparato todo de controle e vigilância, algo necessário, imprescindível para uma vida confortável e segura segundo os critérios estabelecidos pela ordem capitalista.

Aceita-se de bom grado, com boa fé essa fantástica maquinaria de controle porque a ordem capitalista contemporânea é, segundo o psicanalista Félix Guattari, produtora de modelos de relações humanas até em seus refúgios mais inconscientes. Essa ordem fabrica formas de amar, de ensinar, de comer, de sonhar; impõe modos específicos do homem se relacionar com a natureza, com o corpo, com a história social ou pessoal. Em suma – diz Guattari –, “*ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é a ordem do mundo, ordem que não pode ser trocada sem que se comprometa a própria idéia de vida social organizada.*”³

Além desse monumental blefe, já se sabe há muito tempo que a expansão capitalista é audaciosa, multiplica-se e penetra nos lugares mais recônditos da alma e da sociedade. Ela se utiliza de duas estratégias também conhecidas. De um lado, é complacente, flexível e tolerante com as críticas e, não raras vezes, transforma-as em produtos úteis e valiosos para a afirmação e para a intensificação dos fluxos que perpassam a sociedade de consumo. De outro, ela é implacável no processo

¹ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p.213.

² PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 29

³ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1993. p.42

de marginalização das subjetividades que ousam criar um território singular, autônomo e independente. Por temor à margem ameaçadora que aniquila, desconecta e humilha, “*acabamos reivindicando um território no edifício das identidades reconhecidas. Tornamo-nos assim — muitas vezes em dissonância com nossa consciência — produtores de algumas seqüências da linha de montagem do desejo.*”⁴

Recuamos nessa busca por uma vida singular e cedemos aos comandos da ordem capitalista, adequando nosso comportamento, moldando nosso desejo de acordo com as necessidades da produção econômica ou dos imperativos que circulam nos sistemas da cultura de massa. Em outras palavras, abandona-se o processo de experimentação da vida para ser um experimento de uma linha de montagem que visa, em última análise, padronizar os desejos e regular os comportamentos de acordo com o compasso da maioria, do grande número.

A massa é um produto desta ordem, mas é, ao mesmo tempo, o déspota da contemporaneidade. Vaidoso e severo defensor da média, da consciência comum, o déspota luta para abortar ou enfraquecer todo e qualquer espírito singular que exceda a “vida sadia e produtiva” dos homens pequenos. O fundamental para esse Império do meio é a transformação, ou se preferir, a banalização do homem pelo homem, com o propósito de afirmar uma espécie de comunidade de servos saudáveis, onde paira o mito da igualdade e um ideal de felicidade reduzido ao conforto, segurança e bem-estar para todos.

A implantação desse programa significa a extirpação daquilo que é mais valioso no homem, isto é, a capacidade de criar, inventar e transbordar. O aniquilamento do espírito criativo, sempre imponderável e desmedido, faz com que a humanidade não reconheça os abismos do sentimento e as experiências limites. E sem esse saber não há como vislumbrar novas possibilidades de vida e outras configurações do humano, diferentes daquela dos “homens bons” que residem no Império do meio, sempre úteis, sempre inofensivos.

Esse programa de domesticação e de apequenamento do homem se desenvolveu na modernidade engajando filósofos, eruditos e pensadores políticos que idealizaram um novo mundo sem hierarquias, sem nobreza, sem desigualdade, sem a sombra da diferença vertical. A massa revolucionária foi ativada. O ressentimento acumulado contra os nobres, os santos, os extraordinários, os gênios, contra os sujeitos que se diferenciavam, finalmente ganhou corpo e a força da ação. A massa conquistou com a ajuda de seus bajuladores e defensores, aquilo que era anteriormente exclusivo de uma determinada casta. Como afirma o filósofo Peter Sloterdijk: “*Tão logo a massa seja considerada capaz de uma subjetividade própria ou de soberania, os privilégios metafísicos do senhor — vontade, saber e alma — infiltram-se naquilo que antes parecia mera matéria (...).*”⁵ Dito de outra forma, para que o programa de apequenamento do homem obtivesse êxito foi necessário desconstruir, ironizar e desprezar a grandeza.

⁴idem. p.12

⁵ SLOTERDIJK, Peter. O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.12

Tudo aquilo que se eleva, amadurece, alça vôo e atinge as alturas é abatido ou fuzilado pela indiferença. Como escreve Michel Onfray, “a idéia de grandexa atemoriza, hoje, em virtude da vulgata democrática que prefere a mediocridade garantida para todos em vez de uma ordem permitindo a excelência.”⁶ Não se permite a diferença, a distinção, e sobretudo a criação, porque esses movimentos e desejos são considerados suspeitos e ameaçam revelar a baixaza, a vulgaridade, a banalidade que conforta e embala a grande maioria. Não se deseja uma diferença radical que arraste o homem mediano aos extremos da dor ou da alegria.

Não é estranho o fato de que os grandes – eleitos pela massa –, os líderes que caem no gosto das massas, são justamente os que melhor dramatizam a sua submissão à vontade da maioria. Pelo menos assim pensava o poeta Charles Baudelaire, quando anotou de forma sarcástica, o seguinte comentário em seu diário: “Os ditadores são os criados do povo, – nada mais; aliás um indecente papel, e a glória é o resultado da adaptação dum espírito à tolice nacional.”⁷ Existem aduladores da massa, não só no universo político, como também na academia, nas arenas esportivas, no meio publicitário e, principalmente, no campo das diversas artes, onde as estrelas se revezam nas manchetes dos jornais e nas revistas satisfazendo a curiosidade e as vontades do grande número. Para Michel Onfray, esses eleitos que tiram proveito da democratização da distinção, esses que se regozijam da fama – que é a glória trocada em miúdos –, sem nenhum

mérito, além da bajulação e da sujeição aos desejos da massa, não passam de “cínicos vulgares” que:

“Ilustram a mais radical das imoralidades. Sem ética que os sustente, sem valores que os estilizem, livres de qualquer verticalidade moral, não hesitam em praticar o desvio do termo, a fabricação de uma reputação de cobertura, a promoção de um ideal teórico indexado segundo a encomenda do maior número, a separação da obra e da vida, do pensamento e da existência própria.”⁸

Apesar da existência de uma forte torrente discursiva que celebra a diferença, principalmente na mídia e no universo da moda, não é fácil localizar e reconhecer em meio ao mar de informações e acontecimentos o que Sloterdijk chama de “diferenciação vertical”. Isto é, uma diferença que realmente guarde distância em relação às premissas igualitárias e movimento radicalmente as escalas de valor, criando novos valores e perspectivas de avaliação. O que se reconhece facilmente na ruas, nas festas, nos ajuntamentos coletivos e no espetáculo midiático é a produção/circulação de diferenças que, de fato, não fazem diferença alguma. Uma diferenciação que se desenrola na horizontal, na planície, que não agita o mar liso onde a massa se arrasta. Trata-se, em outro termos, de diferenciações que buscam, para usar aqui os termos da moda, agregar valores e, não transvalorá-los. O que está em jogo são diferenciações que não agridem a massa e nem as suas mediócras pretensões: “É evidente que a massa não empreende ou faz valer

⁶ ONFRAY, Michel. A escultura de si: a moral estética. Trad. de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.128

⁷ BAUDELAIRE, Charles. Meu coração desnudado. Trad. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 95.

⁸ ONFRAY, M. Em face do consenso a salvação passa pela revolta? In: Café Philo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.33

diferenciações por meio das quais ela pendesse para o lado ruim — ela diferencia, tão logo imbuída dos poderes para tanto, sempre e sem titubear a seu favor. (...) Ela estilhaça todos os espelhos que não lhe assegurem ser ela a mais bela em todo o país.”⁹

Os efeitos dessa lógica no plano da cultura e no processo de constituição de si mesmo, isto é, nos processos de subjetivação, são arrasadores. É possível imaginar a cultura de massa como o canto das Sereias que nos atrai para os rochedos mortíferos. Esse canto espetacular desperta a massa que mora em nós mesmos, que está instalada em nossas existências. O despertar dessa fera preguiçosa e sedutora faz com que abandonemos todo e qualquer esforço de autoconstituição e de auto-superação. Quando se desperta o “instinto de rebanho”, para usar um termo de Friedrich Nietzsche, sempre jogamos contra nós mesmos em benefício da comunidade, do gregário, da massa. Como afirma de forma categórica Peter Sloterdijk: “*A cultura de massa pressupõe o fracasso de todo fazer-se-interessante, e isto quer dizer fazer-se-melhor-do-que-os-outros. E isto com razão, pois é seu dogma que somente nos diferenciemos entre nós sob o pressuposto de que nossas diferenças não façam diferença.*”¹⁰ É evidente que esse “fazer-se-melhor-do-que-os-outros” não tem nada a ver com o fanatismo norte-americano na luta para ser o “number one”. A competição pelos melhores lugares no ranking do mercado é estimulada pela ordem capitalista. A diferença a qual o filósofo se refere é na ordem da grandeza, da diferença vertical.

A estratégia moderna para aniquilar o sentimento de grandeza foi o aprisionamento dos homens numa linha de montagem e, simultaneamente, a difusão de uma moral que visava moldar, uniformizar os comportamentos, tornando os sujeitos previsíveis e calculáveis. Sujeito dócil e produtivo, segundo Michel Foucault, incapaz de pensar por si mesmo, de inventar seu próprio caminho, de ser arrebatado pela paixão vertiginosa da auto-superação. Em suma, inapto para o exercício da grandeza e habilitado para o exercício da sujeição. É interessante notar que o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, por volta de 1873, já alertava sobre os riscos da formação de uma sociedade e de uma espécie de saber/ciência que se voltavam contra a emergência de grandes individualidades em detrimento de um suposto “bem-estar” e “progresso” do maior número:

“(...) a época atual não é uma época de personalidades prontas e amadurecidas, de personalidades harmônicas, mas a época do trabalho conjunto mais útil possível. E isto não significa mais do que o seguinte: os homens devem ser ajustados aos propósitos da época, para ajudarem o mais cedo possível; eles devem trabalhar na fábrica das utilidades genéricas antes de estarem maduros, sim, e com isso, não amadurecerão — pois isto seria um luxo que retiraria do ‘mercado de trabalho’ uma quantidade enorme de forças. Cegam-se alguns pássaros para que eles cantem melhor: não acredito que os homens de hoje cantem melhor do que seus avós, mas sei que eles são cegados muito cedo.”¹¹

⁹ SLOTERDIJK, P. O desprezo das massas. op.cit. p.105

¹⁰ idem. p. 108.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. Segunda consideração intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para vida. trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 62.

Essa cegueira moral que não permite que nos reconhecamos para além da imagem do trabalhador, do cidadão ou do consumidor, ainda faz parte de nossa vida contemporânea. Assim como, a “*luz demasiado clara, demasiado súbita, demasiado variável*”¹² nos termos de Nietzsche, ainda continua a ser o meio de cegar os homens para que se produza mais, multiplicando o consumo e aumentando a intensidade do hedonismo vulgar propagado nos meios de comunicação e nas redes de trocas afetivas, comerciais, sexuais, etc. O excesso de saber se transformou atualmente numa espécie de entretenimento, de diversão ociosa que não intensifica a vida e muito menos instrui as nossas ações. Na medida em que abarrotamos os bancos de dados com uma infinidade de informações, distanciamos-nos da vida, do entendimento, da experiência que engrandece.

No século 19, Nietzsche intui os efeitos da super-saturação de informação: “*A guerra nem bem acabou – escreve o filósofo – e já se transformou em cem mil páginas impressas.*”¹³ Esse excesso, tão familiar, transformou o homem moderno em um “*espectador errante e fruidor, transposto para uma condição na qual mesmo grandes guerras e grandes revoluções raramente possibilitam mudar algo mais do que um instante.*”¹⁴ Talvez seja desnecessário dizer, mas é certo que nossos pássaros estão sendo cegados muito mais cedo do que Nietzsche previra. Babás e jogos eletrônicos, zappings furiosos distraíndo olhinhos curiosos, navegações sem destino pelas infovias, a superexposição dos pequenos de

alma elevada aos apelos da indústria de moda infantil, cinematográfica e alimentícia. A luz demasiado clara, súbita e variável chegou a um ponto de incandescência até então inédito, afetando os pássaros no ninho.

Daí a necessidade de elaborar algumas estratégias, mesmo que frágeis e mínimas, para escapar e resistir a essas investidas tão poderosas e complexas. Como diz o escritor tcheco Franz Kafka, apesar de vivermos numa época de pensamentos suicidas e nihilistas, há uma necessidade de ficarmos atentos, tensos, e ao mesmo tempo serenos, pois “*mesmo os meios insuficientes e até mesmo infantis podem ser úteis para a salvação.*”¹⁵

Neste momento em que se reconhece a gigantesca desproporção das forças em luta, é impossível não pensar na questão da métiis, categoria grega que se refere a uma inteligência astuta, uma forma de conhecer bem particular, feminina, dotada do poder de manipular as máscaras, os embustes, os disfarces que induzem o adversário ao erro. Trata-se de um tipo de sabedoria que é conquistada a partir das experiências mais rasteiras, cotidianas, imediatas. A nossa experiência de cada dia dentro do campo de guerra do inimigo, numa batalha que exige, mais do que a força, a astúcia, a picardia, o jogo de cintura. Algo semelhante àquilo que Michel de Certeau nomeia como “tática”, isto é, lógica de guerrilha propícia para as situações em que não adianta medir forças em um confronto direto. A tática opera, segundo Michel de Certeau, “(...) golpe por

¹² *ibidem*.

¹³ *idem*. p.41.

¹⁴ *ibidem*.

¹⁵ KAFKA, Franz. apud. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas v.I; Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 143

golpe, lance por lance. Aproveita as 'ocasiões' e delas depende, sem base para estocar benefícios (...). O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azarres do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Ai vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia."¹⁶

Métis, conta-nos a mitologia grega, foi a primeira esposa de Zeus. Desse casamento é que nasce Atenas, deusa da inventividade. Mas antes do nascimento de Atenas, Zeus decidiu que precisava tornar-se a métis em pessoa para que seu poder se perpetuasse sem ameaças de golpe. Era necessário derrotar a própria esposa, aquela que o auxiliou na conquista do poder, e que significa, segundo as palavras de Jean-Pierre Vernant, "*a astúcia, a capacidade de prever todos os acontecimentos, de não ser surpreendido nem desorientado por coisa alguma, de nunca abrir o flanco para um ataque inesperado.*"¹⁷ Zeus venceu o duelo contra a esposa. Não usou força, nem violência. Na manha é de forma dissimulada foi pedindo para que Métis – que tinha o dom da metamorfose – assumisse diversas formas, até que finalmente perguntou se ela poderia se transformar numa gota d'água. Zeus literalmente engole Métis, e se transforma em Metióeis, "*o deus feito inteiramente métis*"¹⁸ garantindo dessa forma a sua própria soberania sobre a ordem cósmica.

¹⁶ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes da fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. p.100-01

¹⁷ VERNANT, Jean-Pierre. O Universo, os Deuses, os Homens. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 39

¹⁸ idem. p.41

Entre os heróis gregos, nenhum se iguala a Ulisses, que é justamente o herói da métis. Há, sem dúvida, quem reconheça no herói da Odisséia, um ancestral do homem burguês, do oportunista barato; uma aparição antecipada do saber instrumental, utilitário e pragmático que vai dominar os corações modernos. A astúcia tornou-se problemática na modernidade devido a sua banalização desprovida dos fins nobres e honrados almeçados por Ulisses. Com o extermínio dos aristocráticos lobos, as espertas raposas se multiplicaram e ganharam o mundo. De certa forma, reconhecemos que não somos ingênuos e muito menos inocentes. Por isso, talvez, a inteligência demasiadamente aguda provoque um certo temor. Mas, aquilo que temos pode engendrar, como acreditava o poeta, os meios para a nossa redenção. A inteligência, a astúcia, a visão maliciosa de Ulisses encarna a capacidade humana de encontrar saídas para o inextricável. Trata-se de um espírito aventureiro que demonstra uma confiança inabalável mesmo diante do incalculável, do imprevisível e das obras do acaso. Ao longo do tempo a virtude do aventureiro se transformou em poderosa arma nos jogos sociais, comerciais e afetivos dos homens gregários. Golpes, truques e manhas fazem parte do cotidiano das ruas e dos obscuros caminhos dos poderes instituídos. Entretanto nada impede de imaginarmos que essas artimanhas possam ser maquinadas e praticadas, não no sentido do oportunista vulgar, mas no sentido ainda do aventureiro que quer se desvencilhar de tudo aquilo que o prende, amarra e restringe a sua liberdade.

Dentre as inúmeras aventuras de Ulisses, talvez seja interessante rememorar aqui, mes-

mo que de forma rápida, o confronto com Polifemo, o Ciclope gigante de um só olho cravado na testa. O herói começou a ganhar a batalha contra o gigante no momento em que se apresenta: “O nome que me dão é Oútis”. Segundo Vernant: “*Há aí um trocadilho, pois as duas sílabas de ou-tis podem ser substituídas por uma outra forma de dizer a mesma coisa: me-tis. Ou e me são em grego as duas formas da negação, mas se oútis significa ‘ninguém’, métis designa ‘astúcia’*”.¹⁹

Como se sabe, Ulisses depois de embriagar o gigante, lança-o na escuridão, ao furar o seu único olho. Os Cyclopes vizinhos vieram acudir Polifemo, mas foram embora contrariados quando ouviram: “Ninguém está me machucando!”. Para enfrentar o gigante de nossa época, o déspota do Império do meio que vigia o mundo com seus olhos digitais, talvez seja necessário aprender com este procedimento perspicaz de Ulisses. Trocar de identidade, transfigurar-se num Outro, que é Ninguém, flertar com o anonimato, desaparecer. Através do disfarce, da produção do efeito de ilusão (apáte) buscar sair da mira e deixar de ser alvo ao ludibriar das máquinas de captura.

Se é necessário de fato jogar no campo de visão do inimigo, é preciso prestar atenção na esperteza do polvo, do camaleão que “desaparecem” na paisagem a espera da ocasião, do momento oportuno (kairós) para dar o bote e inverter as regras do jogo contra o inimigo mais forte e poderoso. Observar com malícia o mundo dos homens pequenos e suas máquinas de rebaixamento do humano que garantem a mediocridade para todos. Reco-

nhecer a malícia existente na lógica daqueles negam a grandeza e são incapazes de admirar e venerar o que é alto e elevado: “*Como é que pode existir a grandeza se eu não sou grande? Logo não existe a grandeza?*” – é o que dizem.

É preciso um saber astuto para se livrar das armadilhas que estão instaladas inclusive em nós mesmos. Não é possível rir de nós mesmos, desarmar nossos pensamentos suicidas sem se aventurar de forma astuta pelos labirintos da alma. É necessário um certo tipo de inteligência para nos alegrar com a nossa própria estupidez e flagrar os comichões provocados pelos desejos mesquinhos fabricados pelas máquinas de captura. Se um sujeito toma a firme decisão de se elaborar, de constituir-se, de subjetivar-se é necessário se desviar, com astúcia, das máquinas de cooptação, livrar-se da mediocridade instalada no corpo e prezar, acima de tudo, a liberdade e a autonomia, sempre ameaçadas de mil e uma maneiras por esse inimigo que não pára de vencer.

Nessa luta contra as massas a fim de criar e afirmar uma vida singular, não há garantias de vitória. Ao contrário, o árduo exercício de elevação não é impulsionado pelas possibilidades de êxito ou sucesso ao final da jornada. A vontade de singularizar-se e descolar-se das redes de compromissos vergonhosos vem de um outro lugar. Essa vontade nasce de um sofrimento e de uma dor que, certamente, nós não suportaríamos. Algo parecido com a energia que incendiava o corpo do artista Vincent Van Gogh que escreveu de forma comovente ao irmão Théo: “*Sinto em mim um fogo que não posso deixar extinguir, que, ao contrário, devo atizar, ainda que não saiba a que espécie de saída isso vai me conduzir. Não me espantaria*

¹⁹ idem. p.104.

*que essa saída fosse sombria. Mas em certas situações vale mais ser vencido do que vencedor...*²⁰

O processo de singularização exige essa força terrível, arrebatadora de que fala o artista, aliada a uma visão astuciosa da vida. Esta aí a diferença maior. Mesmo na derrota, na sublimemente derrota, há luz, cores e sombras; sinais intensos de vida. O senhor métris possui o dom

das metamorfoses, transforma a necessidade em virtude, o infortúnio em alegria, a dor se transfigura em beleza. Por mais intenso que seja o processo de desertificação do mundo e de nossas míseras almas, ainda é possível imaginar e reconhecer na história os rastros de certos sujeitos singulares que escreveram na areia, contra o vento, encarando o sol com um brilho nos olhos. ■

Referências Bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. *Meu coração desnudado*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas v.I; Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes da fazer*. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- ONFRAY, Michel. *A escultura de si: a moral estética*. Trad. de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. *Em face do consenso a salvação passa pela revolta?* In: *Café Philo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. Trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O Universo, os Deuses, os Homens*. Trad. Rosa Freire D'Águilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

²⁰ VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 32.